

NEI LOPES

ENCICLOPÉDIA BRASILEIRA

DA

Díáspora africana

SELO
NEGRO

EDIÇÕES

Apresentação

Uma enciclopédia, por sua natureza, é algo vasto. Requer acúmulo, densidade e sentido de completitude. Trata-se, assim, de um tipo de obra apta ao talento de Nei Lopes. Ao produzir esta *Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana*, o autor chamou para si uma tarefa árdua que é fundamental para o país.

Nei Lopes nos presenteia com uma obra de referência há muito reivindicada por aqueles que se dedicam de fato a aprofundar a nossa brasilidade imensamente negra. Trata-se de uma produção brasileira cujo alcance transcende o Brasil, pois cuida da farta e diversa contribuição dos negros fora da África. A enciclopédia vai ajudar de forma especial a aprofundar a ideia tão cara da identidade nacional, bem como a consolidar uma autoestima positiva para o segmento negro – cerca de 45% da população do país.

Num momento em que se implementam na educação brasileira, por determinação legal, disciplinas que versam sobre a história da África e do povo negro no Brasil, não poderia haver iniciativa mais importante do que a edição desta obra.

O mundo tem uma dívida colossal para com o continente africano. Esse passivo moral é particularmente contundente no que diz respeito às Américas. O autor, ao escapar dos cacoetes que muitas vezes amarram as obras de referência, desenvolve conceitos sociológicos e religiosos que iluminam a ignorância e o preconceito que ainda incidem sobre a negritude.

Escrever um livro é também um ato de doação. Nei Lopes, com prazer, se empenha de forma generosa para nos proporcionar uma importante fonte de luz ancestral – seu trabalho tem o aconchegante colo da mãe África como pano de fundo.

Na Diáspora Africana, negras e negros reinventam áfricas – presos em camisas de força representadas por idiomas, culturas e climas diversos –, irradiando uma singular energia pelo resto do planeta. A matriz dessa luminosidade, todavia, é um

veio uno e permanente de inspiração e energia. A magia dessa intensa produção humana é magistralmente decifrada por Nei Lopes ao longo da *Enciclopédia*.

A um simples ativista da luta do negro no Brasil, cabe agradecer pelo privilégio de poder opinar sobre este trabalho pioneiro. Cabe-me também louvar – sim – a paciência e a dedicação de um autor em produzir uma enciclopédia que pode inspirar o Brasil, tão machucado socialmente, a se tornar melhor.

Helio Santos

(Ativista do movimento negro brasileiro, professor e autor de *A busca de um caminho para o Brasil – a trilha do círculo vicioso*, Editora Senac, 2001.)

Prefácio

Nos idos de 1909, encontraram-se dois importantes nomes do mundo africano em torno de um projeto grandioso. O sociólogo e pan-africanista William E. Burghardt Du Bois propunha a seu colega Edward Wilmot Blyden, radicado em Serra Leoa, construir uma obra de referência séria e abrangente sobre a história, experiência e situação de vida do negro em todo o planeta. O empreendimento teve um início promissor, mas os apoios prometidos não se concretizaram. Na década de 1930, Du Bois retomou a ideia e mais uma vez se viu frustrado. Somente com o processo anticolonialista africano e a ascensão de um intelectual pan-africanista à chefia de Estado do primeiro país independente da África tornou-se possível prosseguir a realização dessa obra. Du Bois foi morar em Gana, onde morreu em 1963, aos 95 anos, em plena fase de pesquisa e compilação de sua *Enciclopédia Africana*, patrocinada pelo governo do grande estadista Kwame Nkrumah.

Mesmo que Du Bois tivesse conseguido terminar e ver publicada a sua *Enciclopédia*, a época e o contexto histórico se encarregariam de determinar-lhe algumas características. Naquele tempo, o pan-africanismo se articulava em torno do que se concebia como o triângulo clássico da rota escravista, composto de três pontos: primeiro, a África; segundo, os Estados Unidos e o Caribe de fala inglesa e francesa; terceiro, a Europa. Essa imagem se traçava com referência aos principais poderes colonialistas, a Inglaterra e a França, e praticamente excluía a América Central e do Sul e o Caribe de fala espanhola. Sobre essa região prevalecia o senso comum de que a experiência do negro seria qualitativamente distinta à do restante da América, em particular à dos Estados Unidos. A miscigenação e a influência benigna da Igreja Católica teriam sido fatores de abrandamento do sistema escravista; os negros não teriam sofrido tantos horrores e teriam se bene-

ficiado com o processo de mistura racial, frequentemente retratado como tendo ocorrido na forma de casamentos mistos.

A inteligência de Du Bois e a sua experiência do racismo não o deixariam cair na armadilha de reproduzir o discurso eufórico da “democracia racial”. Mas a falta de informações disponíveis sobre o assunto tornava impossível uma análise mais precisa, fato que emerge na leitura das pouquíssimas referências à região que povoam sua vastíssima obra. Insistia ele, nessas poucas ocasiões, que a importância demográfica da enorme população de negros habitantes da América do Sul a tornava uma parte integrante do mundo africano. Entretanto, o peso esmagador do discurso da “cordialidade latina” e a ausência de um sistema formal e jurídico de segregação racial chegaram a exercer considerável influência sobre intelectuais africanos e afrodescendentes, levando muitos deles a admitir a possibilidade de um sistema colonial escravista e uma sociedade moderna menos racistas e mais amenos para o negro na América Latina. Muitos outros, talvez a maioria, simplesmente ignoravam essa enorme massa populacional negra.

Somente em 1973, com a participação de Abdias do Nascimento na Conferência Preparatória do 6º Congresso Pan-Africano, realizada na Jamaica, a comunidade pan-africana ouviria um afrodescendente sul-americano relatar de viva voz a sua própria experiência do racismo. A denúncia do racismo no Brasil ecoou forte naquele certame, como também em outros eventos posteriores. A partir desse momento, a atenção dos africanos da Diáspora e do continente começou, lentamente, a voltar-se para a América Central e do Sul. Ao mesmo tempo ampliou-se ao longo dessas décadas a organização coletiva dos afrodescendentes da região, articulando suas análises do racismo, suas estratégias de luta e suas reivindicações políticas, e assim assistimos ao processo de mobilização para a Conferência Regional das Américas, em Santiago do Chile, em 2000, e à 3ª Conferência Mundial contra o Racismo, em Durban, África do Sul, em 2001.

Nada mais saudável e conveniente, portanto, que a compilação de uma *Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana*, que vem complementar o parco elenco de obras de referência já existentes, em inglês e de difícil acesso ao público brasileiro. O mais destacado exemplo é o volume *Africana: The encyclopedia of the African and African American experience*, organizado por Henry Louis Gates Jr. e Kwame Anthony Appiah e publicado nos Estados Unidos em 1999. Sobre ele, o autor do presente volume observa que, “com uma equipe de centenas de colaboradores da área acadêmica, responsável pela elaboração de longos e bem fundamentados artigos distribuídos por mais de 2 mil páginas, trata-se da maior obra já publicada sobre a África, suas civilizações e seu impacto na cultura mundial”.

Concebida como uma coleção de verbetes curtos e resumidos, esta enciclopédia brasileira dá um panorama mais geral da Diáspora Negra, notadamente no que

se refere ao Brasil e principalmente com base numa perspectiva construída na própria experiência de vida do autor como afrodescendente, músico, religioso praticante do candomblé e militante do movimento social antirracista no país. A óptica desenvolvida dedica bastante ênfase às biografias de anônimos que fizeram ou fazem coisas importantes, como revolucionários, líderes religiosos, educadores e assim por diante. No que diz respeito à religião de origem africana, aspecto importantíssimo, o autor procura fechar um círculo de informações apoiado no tripé Brasil-Cuba-África.

É de esperar que outras obras semelhantes, no futuro, possam trazer a ênfase nicaraguense, peruana, boliviana ou uruguaia, e assim por diante, revelando os diferentes elencos de fatos, informações e tradições reunidos nas conjunturas locais das nações que compõem a região. Cada uma terá sua vital contribuição a fazer, seguindo o exemplo brasileiro, no intuito de enriquecer com novas ópticas e percepções as fontes de informações já existentes sobre a experiência africana nas Américas.

Esta *Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana* é o resultado de longos anos de minuciosa pesquisa sustentada pela paixão e pelo engajamento de um só autor e concretizada numa ação independente dos vínculos acadêmicos e dos financiamentos institucionais. O critério rigorosíssimo de pesquisa e erudição, bem como a solidez e a seriedade do compromisso com o registro fiel e exato das informações coletadas, evidencia a grandeza do empreendimento.

Estamos diante de um trabalho inédito e pioneiro, não apenas pelo conteúdo reunido como também pela metodologia empregada. Nada mais apropriado que o engajamento nesse trabalho de um pesquisador como Nei Lopes, cujas realizações criativas e de pesquisa vêm enriquecendo o panorama da cultura nacional com sua singular capacidade de elaborar e interpretar a dimensão mais densa e profunda da africanidade no país. Para além daquela cultura lúdica e frequentemente estereotipada associada ao negro brasileiro – restrita, de forma geral, às tradicionais áreas do folclore, da música, da dança e da culinária –, temos aqui um compêndio de informações complexas, aprofundadas e não divorciadas de seu contexto mais amplo, a matriz cultural do mundo africano.

Como observa Nei em sua “Nota do autor”, trata-se de um conjunto de informações mantidas invisíveis pelas estruturas de dominação que regem a sociedade brasileira e promovem as desigualdades raciais comprovadas por órgãos oficiais de pesquisa. Somente nos últimos meses essas desigualdades vêm sendo alvo da articulação de políticas públicas voltadas à sua diminuição. Parte integral e indispensável desse processo é tornar visível a herança africana da sociedade brasileira, em prol da autoestima não apenas dos afrodescendentes, mas de toda a população, que ganha um referencial digno e dinâmico dos fundamentos de sua cultura e civilização.

Mas esta obra tem um alcance maior. Tendo em vista a evolução recente do panorama pan-africano, não deixa de ser sinal dos tempos que, passado quase um século, testemunhemos o ressurgimento, a partir do Brasil, do projeto pan-africano de Blyden e Du Bois. O trabalho de Nei Lopes se ergue como fiel expressão do espírito intelectual, do sentido político e do impulso inovador que infundiam o sonho da *Enciclopédia Africana*. Oxalá permita que esse Ogum afro-brasileiro desfrute de uma vida longa e produtiva, para que possa nos brindar com outros frutos desse seu imponderável dinamismo intelectual e poder criativo.

Elisa Larkin Nascimento

(Mestre em Direito e Ciências Sociais,
doutora em Psicologia, autora de *O sortilégio da cor: identidade, raça e gênero no Brasil*, Selo Negro, 2003.)



AARON, Hank. Nome pelo qual se tornou conhecido Henry Louis Aaron, jogador americano de beisebol nascido em Mobile, Alabama, em 1934. Em 1966 foi alvo de ameaças de morte por parte de torcedores racistas que não admitiam vê-lo tentando bater o recorde do branco Babe Ruth, o que, afinal, conseguiu em 1974, tornando-se o maior batedor de *home runs* (jogadas que garantem o ponto máximo) da história do beisebol.

ABÁ. Para os antigos nagôs da Bahia, esperança de paz espiritual e dias melhores. Do iorubá *àbá*, “esperança”.

ABÁ KOSO. Em Trinidad, divindade masculina relacionada a Xangô. Em iorubá, a expressão correlata é parte de um oriqui* desse orixá.

ABABÁ. Alguidar. Provavelmente, do iorubá *agbada* (talvez com erro de grafia), vasilha de barro sem tampa, usada para cozinhar alimentos e para outras finalidades.

ABACA (séculos XIX-XX). Nome ou alcunha de um alufá pertencente à comunidade baiana do Rio de Janeiro no princípio do século XX. Parece ser corruptela de *Abubakar*.

ABAÇÁ. Local dos terreiros de umbanda onde se realizam as festas públicas; o próprio terreiro.

Do fon *agbasa*, “sala”, “salão”. No Reino de Abomé, *fagbasa* era o salão onde se consultava o oráculo Fa.

ABACAXI. Ver *PIÑA BLANCA*.

ABADÁ [1]. Tambor usado no babaçû*. Provável corruptela de batá*.

ABADÁ [2]. Espécie de túnica masculina de mangas largas, compridas ou chegando até o antebraço, e com cortes laterais até a altura da cintura, outrora usada no Brasil sobretudo pelos negros malês. Modernamente, o vocábulo dá nome aos uniformes dos foliões que integram os blocos de trios elétricos do carnaval de Salvador e outras cidades, e são vendidos principalmente a turistas. Do iorubá *agbádá*.

ABADINÁ. Qualidade de Omolu cultuada em terreiros pernambucanos, sincretizada com são Sebastião e dita Omolun Abadinã.

ABADÔ. Prato da cozinha ritual dos orixás preparado com milho vermelho torrado e às vezes esfarelado. Em Pernambuco, o abadô de Iemanjá é feito com arroz no lugar do milho. Do iorubá *àgbàdo*, “milho”. Ver *AGUARDÓ*.

ABAETÊ, Lagoa do. Ponto de atração turística em Salvador, BA, localizado próximo à praia

de Itapuã. Celebrizada numa canção de Dorival Caymmi*, por suas águas escuras e misteriosas, é local de oferendas a Oxum* e Iemanjá*.

ABAGUERI. Festa de Xangô em terreiros do Nordeste brasileiro. Ver *BEGUIRI*.

ABAIMAHANI. Canto para apaziguar os espíritos, entoado pelas mulheres *garifunas** de Honduras, Guatemala e Belize.

ABAIUHANI. Cerimônia das crianças no culto aos ancestrais dos *garifunas** de Honduras.

ABAKUÁ. Em Cuba, sociedade secreta masculina, pertencente ao complexo cultural *carabali**. Financiada por contribuições de seus integrantes, é dotada de complexa hierarquia de dignitários e assistentes, com cerimônia de iniciação, renovação, purificação e morte; linguagem (falada e escrita) esotérica e hermética; e rituais de invocação de seres sobrenaturais. Ao membro da sociedade *abakuá* se chama, em Cuba, *ñãñigo*; ao tambor que simboliza o segredo da sociedade, *ekwé* ou *ecué*. *Abakuá* (ou *abakwa*) é também um gentílico que designa pessoas originárias da costa do Calabar*, situada ao sul da Nigéria. **Música abakuá:** A sociedade *abakuá*, além de se estruturar como entidade de socorro mútuo, apresenta uma faceta lúdico-religiosa em que a música representa importante papel. Suas danças são executadas nos ritos e festas do *ñãñigos*, principalmente pelo *ireme** ou *diablito*, ao som dos *enkómo* (tambores), *bonkóenchemiyá*, *biankomé*, *obí-apá* e *kuchi-yeremá*; de sineta (*ekón*); bastões (*itón*); chocalhos (*erikundi*) etc. As manifestações festivas (*plantes*) se realizam na sede do grupo ou nas procissões em que o *ireme* dança ao som do coro dos demais participantes.

ABALÁ [1]. Na tradição iorubana do Brasil, parte do traje dos egunguns, grandes ancestrais, e também de Xangô*. Consiste em tiras de pano, que caem da cintura, formando uma espécie de saio, nas cores do ancestral ou orixá. Do iorubá *abala ago*, "peça de roupa". Ver *EGUNGUM*.

ABALÁ [2]. Tipo de abará* recheado com um camarão seco inteiro.

ABALÔ. Uma das formas ou qualidades de Oxum. Do iorubá *Osun Abalu*, a Oxum mais velha.

ABALUAIÊ. Variante de Obaluaiê*.

ABALUCHÊ. Em Pernambuco, orixá associado a São Sebastião.

ABANDONO DE ESCRAVOS. Ver *ESCRAVOS IMPRESTÁVEIS*.

ABANTO. Em alguns terreiros do Maranhão, um dos nomes do inquite Tempo.

ABAÔ. Na umbanda, médium em fase de desen-

volvimento. Provavelmente, do iorubá *agbawó*, "camareiro", "serviçal".

ABARÁ. Bolinho salgado da culinária afro-baiana, preparado com massa obtida de feijão-fradinho ralado, temperos e camarões secos. É cozinhado no vapor, embrulhado em folha de bananeira e servido frio, na própria folha. Do iorubá *àbalá*, "bolo de arroz".

ABARÉM. O mesmo que aberém*.

ABATÁ. Tambor com cavalete usado nos rituais da mina* maranhense. Ver *BATÁ*.

ABAYA. Denominação cubana de povo africano natural da região do Calabar*.

ABAYOMI. Tipo de boneca preta, de pano, sem cola ou costura, com turbante vistoso e roupas coloridas, criado no Rio de Janeiro, em 1988, pela artesã maranhense Lena Martins (1951-). O nome da criação, de inspiração iorubana, estendeu-se ao da criadora, mais conhecida como Lena Abayomi.

ABBOT, Diane. Parlamentar inglesa nascida em Londres, em 1953, filha de pais jamaicanos. Graduada pela Universidade de Cambridge, tornou-se em 1987 a primeira mulher negra a ser eleita como membro do Parlamento britânico, onde se destacou na defesa antirracista dos imigrantes pobres e das minorias étnicas.

ABC ISLANDS. Expressão comumente usada para designar o conjunto formado pelas ilhas de Aruba, Bonaire e Curaçau, antigas colônias holandesas próximas à costa da Venezuela.

ABDALAH-EL-KRATIF. Ver *FIGUEIREDO, Antônio Pedro de*.

ABDIAS, Mestre (1910-90). Nome artístico de Abdias do Sacramento Nobre, artesão brasileiro nascido em Salvador, BA, onde também faleceu. Nos anos de 1980 era, no Brasil, o último representante de uma linhagem de tecelões de

A



Lagoa do Abaeté, Salvador, BA

pano da costa* ou alaká, adereço do traje típico das mulheres afro-baianas desde o século XVIII. Alguns de seus trabalhos encontram-se expostos no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

ABDUL-JABAR, Kareem. Nome islâmico adotado por Ferdinand Lewis Alcindor, jogador de basquete americano nascido em Nova York, NY, em 1947. Atuando profissionalmente entre 1969 e 1989, quando encerrou a carreira, foi um dos mais precisos arremessadores da história da National Basketball Association (NBA) e o maior jogador de basquete de seu tempo.

ABÉ. Vodum feminino da família de Quevioçô*, na Casa das Minas, no Maranhão. Do fongbé Agbe.

ABEBÉ. Do iorubá, leque metálico de Oxum (em latão) e Iemanjá (metal prateado).

ABEDÉ, Cipriano (1832-1933). Nome pelo qual foi conhecido Cipriano Manuel, babalorixá e babalaô radicado no Rio de Janeiro, no princípio do século XX. Em 1913 organizou, na Pequena África*, o Terreiro de Culto Africano (conforme José Beniste, 2001). Essa casa, primeiro na rua do Propósito e depois na rua João Caetano, 69, próximo à Central do Brasil, recebia, segundo o cronista Vagalume*, membros da classe dominante, como o senador Irineu Machado e o filho do presidente Washington Luís. As atividades não eram objeto de repressão, supostamente por ser sua comunidade religiosa organizada e registrada como uma sociedade civil. O nome Abedé (redução de Alabedé*) designa uma das manifestações ou qualidades do orixá Ogun.

ABEILARD, Joseph (século XIX). Arquiteto americano responsável, em 1870, pelo projeto do French Market's Bazaar, notável obra de arte arquitetônica em Nova Orleans, Louisiana.

ABEILEBOJÁ (século XX). Nome iniciático do babalaô recifense Tio Lino, citado pelos antropólogos Roger Bastide e Pierre Verger.

ABEJU. Vodum masculino, jovem, do panteão da Casa das Minas, no Maranhão.

ABELHA. Denominação genérica de várias espécies de insetos himenópteros, em geral produtores de mel. Segundo a tradição dos orixás, a abelha é mensageira de Oxóssi e o mel que produz é nutriente nobre, alimento de orixás, ancestrais e reis.

ABENG. Espécie de berrante de chifre de vaca, soprado pelos *maroons* jamaicanos.

ABEOKUTÁ. Cidade do Sudoeste da Nigéria, à margem do rio Ogun, no estado de Ogun e na fronteira com o Benin, 77 quilômetros ao norte de Lagos. Principal núcleo do povo egbá e centro irradiador do culto a Yemoja (Iemanjá).

ABERDEEN, Bill. Ver *BILL ABERDEEN*.

ABERÉM. Bolinho adocicado da culinária afro-baiana feito tradicionalmente com milho branco ou vermelho pilado e moído, envolto em folha de bananeira e cozinhado no vapor.

ABERNATHY, Ralph David (1926-90). Líder religioso e político americano nascido em Linden, Alabama, e falecido em Atlanta, Geórgia. Formado pela atual Universidade do Estado do Alabama e pós-graduado pela Universidade de Atlanta, foi, desde meados da década de 1950, o colaborador mais próximo de Martin Luther King, a quem sucedeu na presidência da Southern Christian Leadership Conference (Congresso das Lideranças Cristãs do Sul).

ABERRÉ (séculos XIX-XX). Nome de guerra de Antônio Raimundo ou Antônio Rufino dos Santos, capoeirista baiano nascido em Santo Amaro da Purificação. Foi mestre de Canjiquinha* e, segundo algumas versões, também do legendário Vicente Pastinha*.

ABEXILÉ. Alimento da culinária dos orixás afro-brasileiros à base de mostarda e bortalha cozidas e temperadas.

ABIÁ. Indivíduo em estágio de pré-iniciação no culto dos orixás. Do iorubá *abéyò*, “seguidor”, “adepto”.

ABICÓ. Indivíduo que não pode “raspar o santo”, pois já nasce iniciado, com o orixá “feito”. O significado do termo é comumente confundido com o conceito de abicu*.

ABICU. Em Cuba, espírito viajante que encarna nas crianças para que morram prematuramente, voltando depois para levar outra criança da mesma família. Por extensão, o termo é usado no Brasil para indicar a criança que possui esse espírito. Em iorubá, o vocábulo *àbikú* designa a criança que se supõe ter voltado, depois da morte, para a mãe, ao nascer de novo.

ABIÉ! Interjeição usada na Casa das Minas como pedido de perdão.

ABINA. Ancestral feminino reverenciado pelos *bush negroes** surinameses. O nome parece ter origem no antropônimo Abena, da cultura acã*.

ABISSÍNIA. Antigo nome da Etiópia.

ABÔ [1]. Ver *ABÔ DOS AXÉS*.

ABÔ [2]. No Maranhão, bengala usada por alguns voduns. O termo se origina provavelmente do fongbé, de um vocábulo relacionado com o iorubá *àbò*, “proteção”, “defesa”.

ABÔ DOS AXÉS. Líquido usado em banhos de purificação e energização, resultado da maceração de folhas sagradas em água das quartinhas dos orixás e ao qual se adiciona um pouco de